

Rotary Club São Paulo Leste: Quem sou eu?

Presidente do Rotary Club, demais integrantes da mesa que dirigem os trabalhos de hoje, governadores, companheiros! Com muita alegria assumo a tribuna!

Faz 38 anos que sou companheiro do Rotary Club de São Paulo Leste. Entrei dia 19 de maio de 1983. Eu sempre gostava de ir ao Rotary Club para me encontrar com os companheiros. Já tive afiliados que se mudaram para outros Rotary Clubs mais perto de suas residências. Os meus afiliados, mesmo não sendo mais companheiros do nosso Rotary Club, permanecem ligados aos ideais do Rotary.

Eu nasci em 1942, em meados da segunda guerra mundial. O prédio onde viví os primeiros 14/15 anos estava, foi um dos poucos não destruídos. Os prédios do outro lado da rua foram bombardeados. Naquela quadra enorme, somente permaneceu erguida uma escola de primeiro grau.

Naquela época nós crianças das famílias sobreviventes da guerra, brincávamos nos escombros dos prédios destruídos. Como meu pai e os seus dois irmãos morreram na guerra, nós tivemos que continuar em três, minha mãe, meu irmão mais novo e eu.

Assim nós não somente brincamos nos escombros, mas ajudamos também a salvar os tijolos que restaram para construir casas novas. Nós limpávamos os tijolos e ganhávamos assim até dinheiro naquela época.

Eu me lembro que meu primeiro dinheiro ganho na minha vida foi na idade de 6 anos, em 1948, quando ganhei 5 Pfennig/centavos em forma de uma nota, moedas ainda não existiam. Ganhei este dinheiro pelos meus serviços de pedreiro nos escombros de Hamburgo.

Mesmo com uma juventude que começou difícil, o meu irmão e eu estudamos bastante, graças a minha mãe, primeiro na escola de primeiro grau, que mencionei antes, depois em outra escola onde nós nos formamos com o Abitur, o exame final do segundo grau após 13 anos de escola.

Depois estudamos em universidades, em Hamburgo e fora, e formamo-nos com o diploma e posteriormente o doutorado, meu irmão em medicina e eu em economia.

Meu irmão foi depois médico chefe em um grande hospital de Hamburgo, eu por 10 anos diretor em várias posições do grupo BASF em São Paulo e vice-presidente executivo nos últimos 20 anos na Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha e nas Câmaras alemãs no Mercosul.

Imediatamente depois do meu doutorado fui trabalhar em um banco em Johannesburgo na África do Sul, com o intuito de, também, aprimorar o meu inglês para escrever livros didáticos em taquigrafia inglesa, uma vez que já fui autor de livros taquigráficos em alemão.

Talvez caiba aqui falar dos meus hobbies. São: taquigrafia, esportes (fui campeão hamburguês na corrida de revezamento de 100 m) e música (toquei piano até o Abitur - exame final da escola na Alemanha - e tirei nota 10 em música).

Para continuar o relato da minha chegada ao Brasil devo dizer que depois de um ano na África do Sul, aprendi o suficiente para escrever os meus livros didáticos. Então voltei para Alemanha, via América do Sul. Cheguei num sábado ao Brasil e fui recepcionado por amigos no Rio de Janeiro. A recepção foi tão boa, que comecei a procurar um emprego, logo na segunda-feira, foi em 1971.

Consegui depois de três/quatro semanas um belo emprego em São Paulo, na auditoria Treuhand Auditores, hoje KPMG. E fiquei por quase dois anos.

Mais tarde, de volta na Alemanha, eu conheci, no Clube Brasileiro em Hamburgo, a minha esposa Léa Jeanne. Nos casamos e retornamos ao Brasil em 1979. Em 1980 nasceram os nossos filhos Marcos e Félix e em 1981 o caçula Oto. Todos hoje mais altos do que nos.

Os meus filhos também praticam bastante esporte. Jogam golfe, tênis e velejam no Clube de Campo de São Paulo. Tocam música, têm um pequeno conjunto com amigos. E até sabem escrever a taquigrafia. Isso também porque eu sempre falo para eles: Vocês têm que saber fazer tudo que eu faço e depois ainda mais, para que o mundo se desenvolva.

Neste sentido viajamos muito em família para conhecer também outros lugares. Os filhos tiveram que conhecer em primeiro lugar o país deles, o Brasil, do qual conheciam até então somente a parte do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro. Fizemos uma viagem via Brasília, Manaus e Belém até

Carajás e Parauapebas, duas cidades que mostram o Brasil de hoje. Carajás é o Brasil moderno de primeiro mundo, e Parauapebas: o faroeste do Brasil. Viajamos de trem de lá para São Luís e continuamos a viagem por Fortaleza, Recife e Salvador de volta para São Paulo.

Em todas as viagens visitei Rotary Clubs, viajei até 100 km de carro para recuperar: No Rio Grande do Sul fui de Ibirubá à Passo Fundo e em Bali, Indonésia, de um lado da ilha ao outro.

Encontrei um Rotary Club em Bangkok, Tailândia, no qual não se fala a língua do país, o thai, mas sim inglês.

No Rotary Club em Puno a beira do Lago Titicaca no Peru, os companheiros se reúnem a noite sem comer, nem sequer beber, e todos os companheiros ficam de casaco por causa do frio.

Em Atenas, na Grécia, fui recebido pelos Rotarianos em inglês, mas logo veio um companheiro que falava fluentemente português e me acompanhou durante toda a reunião. Em outro Rotary Club na Grécia, bem no sul do Peloponeso, em Nafplion, não encontrei ninguém no local na hora prevista para a reunião. Como eu tinha uma flâmula do RCSP Leste comigo, deixei-a na Recepção do restaurante para os companheiros do Rotary Club. A minha surpresa e alegria foi muito grande, quando eu recebi dois meses mais tarde a flâmula do Rotary Club de Nafplion em São Paulo

Eu fui companheiro 100 % por 22 anos, até que fui nomeado Rotariano Facultativo em 2005.

Antes já fui Secretário na Gestão 1991/92, fui nomeado 1994/95 Paul Harris Fellow, passei para Sócio Veterano em 1998 e depois do meu retorno das Câmaras binacionais da Alemanha no Mercosul após 6 anos logo fui eleito Presidente para a Gestão 2012/13.

Um bom exemplo da minha participação em projetos rotários é aquele que apoia a Associação da Favela Monte Azul e assim vai para além dos limites estreitos de uma comunidade de São Paulo (Santo Amaro).

O Rotary Club de Ludwigshafen-Friedrichsburg desempenhou um papel de liderança no projeto, que foi levado a cabo em cooperação com o meu Rotary Club de São Paulo Leste.

Outros Rotary Clubs também têm apoiado o trabalho da Associação da Favela Monte Azul. Em 2001, por exemplo, o Rotary Club de Chácara Flora em São Paulo e o Rotary Club de Midland, no Canadá, com o apoio do governo canadense, deram uma Perua à instituição de caridade.

Entretanto, o trabalho voluntário foi reconhecido pelo governo em São Paulo de modo que os meios financeiros da administração da cidade começaram a contribuir para a manutenção e expansão dos projetos da instituição de caridade. Estes projetos têm até mesmo atraídos a atenção no exterior.

Outro projeto meu é o do selo Postal. Ele apoia através de selos usados crianças com deficiência ou órfãos em Lares infantis na Alemanha. Assim o Rotary Club de São Paulo Leste realizou uma série de outros projetos em favor de cidadãos carentes e residentes de lares.

Durante os meus 38 anos de Rotary eu fundei dois Rotaract Clubs independentemente do meu Rotary Club de São Paulo Leste e acompanhei por perto outro Rotaract Club durante a minha Presidência do Rotary Club de São Paulo Leste.

O primeiro Rotaract Club que fundei, foi com o Rotary Club de Chácara Flora em Santo Amaro na Gestão 2004/2005, que infelizmente foi fechado devido à falta de novos sócios Rotarianos.

O outro Rotaract Club eu iniciei e fundei foi junto com o Presidente do Rotary Club Rio de la Plata (Buenos Aires) em 2007/08. Enquanto eu selecionei e indiquei os Jovens, o Rotary Club se responsabilizou pela integração e formação rotária dos Jovens. E por incrível que parece o Rotary Club, que até a abertura para os Rotaractianos somente aceitou membros masculinos, se abriu quando a primeira Rotaractiana fez 30 anos.

Rotary exige lucidez, integridade, também coragem e dedicação. Rotary é um maravilhoso milagre de unidade nesse mundo de conflitos, rivalidades e lutas. Nós Rotarianos temos a oportunidade de transformar vidas para melhor, através de nossas ações em nossa comunidade local ou mundialmente. O que devemos fazer é ficar atento e observar onde podemos agir, de que forma podemos mudar a realidade.

Klaus-Wilhelm Lege, 20210410